

FLUIR MANDU: UM RELATO DE EXPERIÊNCIAS COLETIVAS PARA SE PENSAR CULTURA E DESENVOLVIMENTO

Sabrina Morais Ferreira¹
Carlos Alberto Máximo Pimenta²
Madalena Yule Aparecida Kurita³

Resumo: A dimensão cultural do bairro São Geraldo, em Pouso Alegre, Sul de Minas Gerais, será tratada neste texto como desdobramento da dissertação – em construção – sob o mesmo escopo. O objetivo é apresentar o relato das experiências coletivas em campo, tensionando as contribuições, limites e tensões da metodologia adotada, partindo da perspectiva multidisciplinar. Foi por vias da extensão acadêmica que se configuraram as experiências coletivas, com o projeto “Fluir Mandu: expressões culturais no bairro São Geraldo”. Dois instrumentos de aproximação e tradução foram aplicados: a caminhada e a cartografia afetiva. Para a criação dos mapas a proposta era trocar saberes e fazeres de modo que, o processo criativo contasse com estímulos costuráveis. Houve o cuidado de que a disposição de técnicas e materiais dialogasse em alguma medida com as simbologias do bairro e do rio, optou-se assim pela pintura em terra crua e pelo bordado. Essa imersão em campo possibilitou a interação com os espaços em si e seus habitantes, a materialização de percepções feitas por indivíduos com diferentes graus de envolvimento em relação ao bairro – desde os que nunca haviam estado lá até os que nele moram.

Palavras-chave: cultura e desenvolvimento, experiências coletivas, caminhadas e cartografia afetiva.

Agradecimentos: FAPEMIG - Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado de Minas Gerais.

Introdução

A dimensão cultural do bairro São Geraldo, em Pouso Alegre, Sul de Minas Gerais, será tratada neste texto como desdobramento da dissertação – em construção – sob o mesmo escopo.

¹ Mestranda no PPG em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade (DTecS) da Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI), bolsista FAPEMIG, ferreiramsabrina@gmail.com.

² Docente no PPG em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade (DTecS) da Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI), carlospimenta@unifei.edu.br.

³ Bolsista de Iniciação Científica no Núcleo de Estudos sobre Desenvolvimento (NEID) do PPG em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade (DTecS) da Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI), bolsista FAPEMIG -PIBIC, mada.kurita@hotmail.com.

Foi por vias da extensão acadêmica que se configuraram as experiências coletivas, com o projeto “Fluir Mandu: expressões culturais no bairro São Geraldo”, aprovado pelo edital PROEX/2018 UNIFEI, e efetivado formalmente durante os meses de setembro, outubro e novembro do mesmo ano. A finalidade principal do projeto mencionado era possibilitar o (re)conhecimento das expressões culturais existentes no bairro e dos espaços públicos que as ampliem.

Esse exercício de pesquisa e extensão ocorre a partir do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Desenvolvimento (NEID) do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade (DTecS) da Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI), especificamente compondo o Observatório de Desenvolvimento e Cultura, financiado pela FAPEMIG, edital PPM-X nº 02/2016.

O objetivo deste trabalho é apresentar o relato das experiências coletivas em campo, tensionando as contribuições, limites e tensões da metodologia adotada, partindo da perspectiva multidisciplinar.

Multidisciplinar no sentido de trazer olhares da Antropologia, da Sociologia, da Geografia, do Desenvolvimento. Pela perspectiva da Antropologia captura-se a produção de sentidos atribuídos à noção de cidade e a utilização do espaço. A Sociologia, a partir da compreensão dos elementos culturais que dão vida às sociabilidades que se formam no bairro. A Geografia as caracterizações cartográficas em que se descrevem o território. Por fim, as questões urbanas inerentes a concepção “hegemônica” de planejamento e desenvolvimento dos espaços.

Dois instrumentos de aproximação foram utilizados: a caminhada e a cartografia afetiva, como exercícios sensíveis de contemplação e crítica em meio as territorialidades⁴ apresentadas pelo São Geraldo, baseando-se na “teoria da deriva” (DEBORD, 1958), proposta pelo grupo Internacional Situacionista (I.S., 1958), em que Guy Debord foi expoente.

Segundo Debord (1958) está intimamente relacionada à deriva o comportamento lúdico-construtivo e a psicogeografia. Essa última demonstra os efeitos do ambiente urbano no estado psíquico e emocional dos sujeitos que a praticam (DEBORD, 1958).

⁴ O conceito de territorialidade é baseado em Little (2004), quando o autor faz a conversão do território em um ambiente biofísico de ocupação, uso, controle e identificação de um grupo social; que dentro da multiplicidade de expressões, deve demonstrar suas particularidades socioculturais.

O campo espacial da deriva pode ser reduzido por exemplo a um bairro. O sujeito, individualmente ou no coletivo, observa os arredores, possivelmente conversa com transeuntes e diante das imprevisibilidades é capaz de fazer as articulações psicogeográficas (DEBORD, 1958). A experiência do percurso pode compor uma cartografia (AREND, 2017, p.6), nesse caso, afetiva, acionando as dimensão simbólica do bairro e das interações que nele ocorrem, essas facilmente negligenciadas nas cartografias hegemônicas.

No caso, dois momentos em campo se destacam e são complementares, para fins de organização textual, serão nomeados Fluir Mandu I e Fluir Mandu II ao longo do texto. Ambos ocorreram no ano de 2018, em janeiro e depois durante os meses de setembro, outubro e novembro.

A construção cartográfica aconteceu após as caminhadas. Nesse segundo momento, nomeado de “oficina criativa”, a proposta era trocar saberes e fazeres que seriam aplicados nos mapas a serem criados por cada um dos participantes, de modo que, o processo criativo contasse com estímulos costuráveis, já que não necessariamente as pessoas teriam familiaridade com práticas artísticas.

Para além dos esforços teóricos guiados por discussões de Cultura, Desenvolvimento e Sociedade, foram realizadas pesquisas a fim de atingir outras camadas que superem os dados oficiais e históricos disponíveis a respeito do bairro, esses ainda poucos e dispersos, dessa forma apreendendo um conteúdo capaz de suscitar análises mais profundas a respeito desse território.

A ida a campo de fato ressaltou elementos que poderiam passar despercebidos, como por exemplo, o uso da rua como um espaço público de intensa sociabilidade, isso se deu substancialmente a partir das experiências coletivas no território. Esses elementos estão presentes e foram captadas por meio de aspectos visuais, sonoros – falas, músicas, ruídos e sons da natureza, ou em qualquer outra característica capaz de aguçar sentidos. E são os mesmos que devem ser abordadas no presente trabalho.

Houve o cuidado de que a disposição de técnicas e materiais dialogasse em alguma medida com as simbologias do bairro e do rio, optou-se assim pela pintura em terra crua e pelo bordado⁵.

⁵ Para isso, a arquiteta Ângela Marques e artista plástica Fátima Dutra, co-criadoras do projeto Cores de Gaia, que utilizam da feitura e aplicação de tintas naturais, feitas em terra crua; e a designer e bordadeira Darlene Nobre mediarão tais trocas. Também houve a colaboração da psicopedagoga Sônia Bellardi, que

Essa imersão em campo possibilitou a interação com os espaços em si e seus habitantes, a materialização de percepções feitas por indivíduos com diferentes graus de envolvimento em relação ao bairro – desde os que nunca haviam estado lá até os que nele moram. Também ocorreu a utilização do Centro de Esportes e Artes Unificados (CEU)⁶ local como lugar-base durante as idas a campo.

Durante todo o processo, até a construção dos mapas, muitas das narrativas e percepções foram registradas em recursos audiovisuais como formas complementares de comunicação e tradução do conteúdo apanhado.

O texto compõe-se dos tópicos: 1) “O bairro na cidade, o rio no bairro”, em que se pretende situar em linhas gerais o território do bairro São Geraldo e da cidade de Pouso Alegre a qual pertence sob a ótica da cultura e do desenvolvimento; 2) “Fluir Mandu” para descrever as particularidades da proposta de Caminhadas e da Cartografia Afetiva no bairro, além do relato das experiências coletivas – e individuais e as Considerações Finais.

O bairro na cidade, o rio no bairro

Pouso Alegre é uma cidade média, de urbanização concentrada, relevante movimento migratório (ANDRADE, 2014) e uma população estimada em 148.862 habitantes segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019).

A cidade é considerada de fácil acesso aos grandes centros urbanos do país, como o eixo comercial São Paulo - Belo Horizonte, por estar às margens da Rodovia Fernão Dias, ligada às BRs 459 e 381. De localização estratégica em termos econômicos, pela dinamização de sua produção e escoamento (ANDRADE, 2014).

Sua origem foi possível, dentre outros motivos, por conta da presença do rio Mandu – o nome Mandu do rio derivou do nome tupi-guarani *mandi-yu* (mandi: peixe e yu: amarelo) em função da abundância dos peixes no rio (QUEIROZ, 1948).

assumiu o papel de facilitadora das atividades. Essas mulheres, compartilharam seus respectivos repertórios em vivências participativas e criativas. O mapa em si foi proposto pelos integrantes da Universidade.

⁶ Os CEUs são equipamentos públicos voltados para promoção da cidadania em “territórios de alta vulnerabilidade social” das cidades brasileiras, para isso, seu projeto deve oferecer programas e ações culturais, práticas esportivas e de lazer, formação e qualificação para o mercado de trabalho, serviços socioassistenciais, políticas de prevenção à violência e de inclusão digital. Disponível em: <<http://ceus.cultura.gov.br/>> Acesso em: 13 dez. 2017.

A bacia do rio Mandu possui uma área de 98 Km², extensa por 46 km, confronta do lado direito com a bacia do rio Mogi Guaçu, que nasce no município de Bom Repouso/MG e do lado esquerdo com a bacia do rio do Cervo que nasce no município de Ouro Fino/MG, bairro Itaguaçu, tendo como seus principais afluentes o rio Pântano e Anhumas (SOUSA, 2014).

Em 1848, Pouso Alegre foi elevada a cidade, nesse período, com as cheias do rio Mandu, aterros eram feitos para facilitar o deslocamento das pessoas (GOUVÊA, 2004). Assim, as margens do rio, foram sendo construídas casas e se formando um bairro chamado Aterrado, que mais tarde, em 1927, seria renomeado São Geraldo, por reivindicação de sua própria população através de um decreto da Câmara Municipal (FARIA, 2008).

Passadas algumas décadas, os anos 1979 à 1984 destacam-se pela transposição do rio Mandu. Essa obra foi realizada por duas razões oficiais: a construção da Avenida Perimetral, afim de ligar Pouso Alegre às principais vias de circulação de mercadoria do estado de Minas Gerais; e a redução do impacto das enchentes, por meio do aumento da velocidade de escoamento do rio que conteria as águas no período de cheias (FARIA, 2008; SOUSA, 2014; BARBOSA, 2015).

Essa política de modernização adotada corroborou para que ocorressem mudanças consideráveis na cidade, a começar pelas ambientais, já que a transposição do Mandu fez como que o mesmo perdesse suas características naturais. A bacia que ainda atende a diversas demandas como o consumo humano, irrigação, abastecimento e manejo de indústria, mineração, lazer, dentre outros usos, tem parte de sua área degradada ou em degradação, apresentando assoreamento e processos erosivos em vários pontos (SOUSA, 2014).

Há também mudanças a favor do crescimento econômico pela intensificação no fluxo de transportes. O Produto Interno Bruto (PIB) de Pouso Alegre, por exemplo, é de R\$ 6,819 bilhões colocando a cidade a frente no Sul de Minas⁷. E no âmbito sociocultural, pois, a transposição do rio e as camadas de terra acrescentadas ao território na década de 80, ao mesmo tempo em que prometiam a redução das enchentes, foram medidas que

⁷ Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/pouso-alegre-assume-lideranca-em-ranking-e-passa-a-ter-o-maior-pib-do-sul-de-minas.ghtml>>. Acesso em: 14/03/18.

viabilizaram de alguma maneira o aumento da ocupação irregular no bairro (FARIA, 2008; SOUSA, 2014; BARBOSA, 2015).

O interesse de ocupação daquele território pela população de baixa renda se justifica em parte por sua localização estratégica, pela facilidade de acesso aos locais de trabalho (FARIA, 2008). Entretanto, o São Geraldo apresenta áreas de precariedade, com baixos índices de infraestrutura urbana, socioeconômico e de instrução populacional (MIRANDA; MORATO; KAWAKUBO, 2012).

Barbosa (2015) afirma que o bairro está no imaginário dos cidadãos como um lugar onde acontece o tráfico de drogas, a prostituição e a violência, significado esse que perdura no imaginário de seus próprios habitantes (BARBOSA, 2015, p. 56).

Ou seja, há um bairro precário ou que sofre precarizações, e esse é vizinho ao centro de uma cidade tida como desenvolvida. O São Geraldo chega a apresentar as piores condições de rendimentos, definindo como uma “Zona Especial de Interesse Social”⁸ no Plano Diretor Municipal (ANDRADE, 2014, p.149). Um território considerável, onde atualmente residem 11.016 pessoas de acordo com o Censo 2010 (IBGE, 2019).

Recentemente, a Avenida Dique II, nomeada Avenida Vereador Hebert de Campos⁹, inaugurada no ano de 2014, proporcionou uma nova perspectiva do bairro, evidenciando suas bordas do lado direito (em relação ao centro). O São Geraldo, situa-se entre o “centro antigo” e a nova centralidade, além de estar em meio a vias importantes para o município, sendo elas: Avenida Perimetral (Pinto Cobra), as Diques I e II e a Avenida Vereador Antônio da Costa Rios, que liga o eixo norte e sul (os dois centros).

Desse apanhado de informações sobre a cidade de Pouso Alegre e o bairro São Geraldo, o Aterrado, é possível ressaltar aspectos que dão pistas sobre suas características. A resistência do rio Mandu com todos os percalços, o posicionamento da cidade como desenvolvida economicamente e em paralelo as transformações urbanas, a consolidação do bairro São Geraldo em grande parte sem a mediação do poder público.

⁸ Atualmente, o mapa referente ao Plano Diretor que se encontra disponível no site oficial da Prefeitura Municipal de Pouso Alegre. Disponível em: <http://www.pousoalegre.mg.gov.br/novo_site/default.asp> Acesso em: 27/10/18.

⁹ Essa infraestrutura foi financiada a partir do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) do Governo Federal junto a Prefeitura Municipal de Pouso Alegre, em um orçamento de 16,4 milhões, começou a ser construída em 2011. O Dique funciona como uma barreira para conter o transbordamento do rio. “Sem ele, às águas do Mandu alcançariam a região de várzea do bairro São Geraldo e invadiria as casas”. Fonte: Jornal Online Pouso Alegre.Net, “Avenida do Dique 2 será inaugurada em março”, publicado em 11/02/2014. Disponível em: <<https://pousoalegre.net/noticia/2014/02/avenida-do-dique-2-sera-inaugurada-em-marco/>>. Acesso em: 05/11/18.

No entanto, há dinâmicas solidárias e autorreguladas em seu interior, onde não chega o Estado as pessoas se reinventam, nesse sentido, as experiências em campo trazem apontamentos sobre como se dá essa outra face que implica na cultura e no desenvolvimento local.

A experiência coletiva

Em qualquer situação de pesquisa, adentrar o campo exige cuidados metodológicos. Se o campo é um território aparentemente controverso, que ora faz parte do todo da cidade, ora tem suas próprias dinâmicas, ainda pouco compreendidas, a necessidade de atenção se intensifica, por serem experiências coletivas, multidisciplinares e pelo caráter de extensão, portanto, incluindo práticas que se materializam.

O Fluir Mandu I, realizado em janeiro de 2018, é mais independente por naquela oportunidade não ter sido formalizado sob qualquer registro da PROEX. Foram dois dias sequenciais de encontros, dia 12 e 13 de janeiro de 2018, aproximadamente 10h de imersão. O grupo contou com 15 participantes, entre entradas e saídas ao longo dos dias.

Teve como base a casa de um casal de irmãos moradores do bairro há décadas. A casa é de esquina e está localizada em uma das ruas mais conhecidas do bairro, a Oscar Dantas, sobre esse território paira a ideia de ilegalidade, pela venda de drogas e a possibilidade de violência.

As pessoas tinham perfis diversos, crianças, mulheres, homens. Além dos dois moradores, o grupo era composto por frequentadores do bairro e ainda por duas pessoas que nunca estiveram lá, uma delas já reside em Pouso Alegre há anos o outro, foi especialmente para a vivência.

Inicialmente, conversamos por cerca de três horas para alinharmos os interesses naquela experiência. Esse momento de conversa revelou trechos de histórias de vida, preconceitos, esperanças referentes ao Aterrado, além de estreitar as relações coletivas propostas ali. Os moradores se dispuseram a conduzir os trajetos, comentaram sobre a importância de não haver comportamentos invasivos ao longo da caminhada, como por exemplo, o uso indiscriminado da câmera fotográfica, e de percebermos as diferentes nuances que as ruas revelariam.

A deriva caracteriza-se pelo caminhar sem compromisso com um roteiro, entretanto, os próprios moradores optaram por priorizar as bordas do bairro, onde às águas estão mais presentes pela proximidade com o rio e por entender que é aonde a população tende a ser mais invisibilizada perante a cidade. O Fluir Mandu I, mesmo com sua espontaneidade, seguiu essas diretrizes.

A partir desse primeiro momento, foi possível construir de forma mais detalhada o projeto de extensão que seria posteriormente registrado. Para o Fluir Mandu II, o cronograma sugeria um período maior de imersão, de abril a dezembro de 2018, em que a priori o desafio seria envolver um número mais relevante de moradoras e moradores do bairro.

Essa articulação junto a comunidade só seria possível se houvesse confiança e permanência do grupo de pesquisadores da universidade no bairro. Porém, o projeto foi aprovado pela PROEX só teve acesso aos recursos que viabilizariam sua execução entre os meses de setembro e novembro de 2018. Os prazos foram adequados, mas insuficientes para uma mobilização efetiva de participantes.

Institucionalizado, o Fluir Mandu II fez uso do CEU, um equipamento público localizado às margens do Mandu, próximo ao bairro e, portanto, atendente de parte de sua população. Por lá aconteceram dois encontros para reconhecimento e planejamento entre integrantes do grupo vinculados à universidade, sendo esses o professor coordenador do projeto, uma mestrande e três bolsistas de extensão.

Com o levantamento anunciado nesses encontros e nas vivências em si, o inventário do bairro, iniciado em pesquisas anteriores, foi complementado com uma relação de informações coletadas. Conversas informais com a gestora do CEU, moradores, educadores ligados a uma instituição filantrópica que atende crianças moradoras do bairro e a escola municipal do bairro, além de representantes do poder público.

Após essa etapa de reconhecimento, no Fluir Mandu II as atividades concentraram-se em um mesmo encontro, no dia 25 de novembro de 2018, dessa vez foram 8h de imersão em um grupo de 24 participantes. No início do dia a caminhada pelas ruas do bairro e durante a tarde a dedicação foi para a construção cartográfica, essa foi a oficina criativa.

Ao longo do trajeto da caminhada a deriva, através de gestos, comentários e olhares moradores que notaram as andanças do grupo demonstraram certa curiosidade por perceberem que se tratava de pessoas não locais, seja pelo modo de se expressar ou simplesmente por não serem pessoas que rotineiramente frequentam o local. Um dos primeiros estranhamentos explícitos aconteceu quando uma das participantes, enquanto fotografava o rio Mandu, foi abordada por um morador desmotivando-a pois nada havia de bonito no rio para justificar aquele registro.

Foi possível observar padrões organizacionais e culturais que se repetem por entre suas ruas, como por exemplo mensagens dos próprios moradores destinadas a vizinha sobre o descarte (in)devido do lixo.

Imagem I: O muro e o apelo sobre o descarte do lixo - Fluir Mandu II



Foto: Yolanda Provasi Bannout, 2018.

Também saltaram características dominantes do bairro, como a subdivisão do mesmo em uma área comercial formalizada, basicamente restrita a Av. Vereador Antônio da Costa Rios (via de trânsito comum a toda cidade, por ligá-la no eixo norte-sul) e em seu interior a resistência de pontos comerciais improvisados como extensão das casas, com produtos e serviços oferecidos de natureza variada, como lanchonetes, mercadinhos, bazares e bicicletarias.

Outra situação relevante é a quantidade de trabalhadores que coletam material reciclável. Autônomos, esses trabalhadores e trabalhadoras carregam seus carrinhos por toda a cidade e entregam em depósitos localizados também no bairro. Essas estratégias de sobrevivência são observadas no bairro em constância.

Imagem II: Início da Caminhada - Fluir Mandu I



Foto: Sabrina Morais Ferreira, 2018.

Durante o Fluir Mandu II, novamente, não havia roteiro para a deriva, mas a participação ativa de uma antiga moradora que compunha o grupo acabava sugerindo que o grupo acompanhasse seus passos.

Descortinavam-se elementos culturais comunicados na linha tênue entre o rural e o urbano, em termos tanto comportamentais como estruturais, como cultivo de hortas e criações de galinhas nos quintais. Na apropriação dos espaços públicos, calçadas são ocupadas com cadeiras, como extensão dos lares, confundindo limites entre o público e o privado.

Casas com fachadas diversas, em que salta a criatividade no uso de materiais e por vezes nos dizeres grafados. A apropriação acontece também no transitar das ruas: pedestres, bicicletas, carroças e bichos soltos dividem espaços e seguem seus rumos dando alguma brecha aos carros que vez ou outra querem passar.

Imagem III e IV: Muros e seus dizeres - Fluir Mandu II



Fotos: (III) Yolanda Provasi Bannout e (IV) Sabrina Morais Ferreira, 2018.

Era sábado, dia da semana em que muitas trabalhadoras e trabalhadores têm tempo para o ócio, então havia muita movimentação nas ruas: transeuntes, pessoas sentadas nas calçadas conversando e sempre alguma música de estilo popular tocando como sertanejo ou funk.

Com tudo, coexiste a ausência de infraestrutura nos moldes disponibilizados em bairros mais incorporados à lógica urbana moderna. A falta de calçamento ou precariedade do mesmo e a falta de sinalização nas ruas - em uma delas os próprios moradores a fizeram com placas manuscritas - são exemplos dessas ausências.

As margens do rio Mandu, mesmo em trechos movimentados como o da ponte da Av. Vereador Antônio da Costa Rios, há descarte de resíduos poluentes e uma população em situação de rua que acaba ocupando o lugar, que passou a ser naturalizado como uma região de “cracolândia” da cidade. Percebe-se com maior ênfase os enfrentamentos com os quais o Aterrado precisa lidar.

Nesse sentido, a experiência coletiva não estava imune, durante a caminhada alguns participantes conversaram diretamente com moradores locais, esses procuravam entender qual o motivo daquelas pessoas andarem por lá em grupo. Surgiram dúvidas por parte dos moradores, que desconfiavam do cunho político da caminhada, ou até mesmo demonstravam esperança na possibilidade que haveria alguma revitalização no bairro.

Dadas as confusões, a tensão foi posta em meio ao trajeto: era um grupo considerável adentrando o bairro, em tom descontraído na mesma medida que curioso, atento e por intervir na rotina do bairro, ainda que fosse num sábado, despertou uma reação semelhante por parte dos moradores, entretanto, o sentimento que os movia estava

mais próximo da incômodo, da negatividade. Certamente o comentário mais extremo, dito a distância, mas para ser ouvido foi “aqui não é zoológico”.

Ao fim da caminhada o grupo se reuniu no CEU para trocar as observações feitas e logo após começar a oficina criativa, como parte do processo do Fluir Mandu II. Os aterros sobrepostos levaram a mistura de terra e água como base da tinta, que respeita essa cartela de cores natural. O bordado remete às tramas das redes de pesca, feitas corriqueiramente nas calçadas nos tempos em que os mandis eram abundantes no rio e aos trabalhos manuais que ainda resistem timidamente em mãos artesãs pelo bairro.

Imagem V e VI: Construção de Mapas Afetivos - Fluir Mandu II



Fotos: (V) (VI) Yolanda Provasi Bannout, 2018.

Tanto durante como após a criação dos mapas afetivos se mantiveram conversas sobre a experiência. Havia liberdade para retratar artisticamente emoções e percepções que surgiram ao longo da caminhada e de acordo com a proximidade de cada um em relação ao bairro. Ao final, na apresentação de alguns dos mapas, notou-se que aspectos comuns foram representados, como por exemplo a valorização do rio Mandu ou alguma mensagem denunciando seu abandono.

Frente das territorialidades do bairro elementos se misturam e diversificam, criando entremeios por entre a água-terra, o espaço-tempo, a sociedade-cultura, o rural-urbano, a informalidade-formalidade, a ordem-caos, a solidariedade-individualismo, o progresso-desigualdade. Esses não são listados como dicotomias, mas sim como presságios de complexidade (CARVALHO, 2013) a fim de estimular olhares amplificados ao longo das tentativas de compreensão, ao invés de considerar fatos rígidos e isolados. Com isso, as experiências coletivas se atentaram sobretudo a cultura do bairro

São Geraldo, sendo sua manifestação suprimida pela noção de progresso ou constantemente ressignificada pela vivacidade do território.

Considerações Finais

Relatar experiências coletivas em campo é um exercício de abertura para que as construções e desconstruções se mantenham coletivas e provoquem o engajamento em quem se atenta ao assunto.

As manifestações culturais, no sentido de sociabilidade e relações travadas bairro a fora demonstram que, há uma cultura viva, desconectada da lógica organizativa que impera nos demais bairros da cidade. As ruas, os bares, as pessoas nas calçadas, o som alto dos lugares privados, as pichações nas paredes, as formas de comunicação local, enfim, o todo leva a essa percepção.

Esse trabalho e o conteúdo nele formatado se implica na multidisciplinaridade, porém, ainda é insuficiente nas análises e contrapartidas com o local, no caso, o bairro São Geraldo ou Aterrado em sua complexidade.

É preciso lembrar outra fragilidade, a de que as apreensões foram feitas, em sua maioria, por pessoas externas à realidade do bairro, com percepções superficiais de suas territorialidades e, portanto, dessa forma, qualquer afirmação conclusiva seria precipitada.

Entretanto, é preciso reconhecer o mínimo avanço em trabalhos como esse, na contramão da lógica hegemônica que contribui para um posicionamento da academia não como omissa, mas, como uma instituição que cumpre um dos seus papéis sociais, subsidiando a geração de conhecimentos científicos junto a sabedoria que emerge do cotidiano, do popular.

REFERÊNCIAS

ACSELRAD, Henri [organizador]. **Cartografias sociais e território**. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ, 2008.

ANDRADE, Alexandre Carvalho de. **Pouso Alegre (MG): expansão urbana e dinâmicas socioespaciais em uma cidade média** - Rio Claro, 2014. Tese (doutorado) -

Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Orientador: Enéas Rente Ferreira.

AREND, Natan. **A dimensão afetiva na experiência do espaço urbano investigações metodológicas**. In: XVII Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, 2017, São Paulo. XVII ENANPUR - Anais, 2017. v. 1.

BARBOSA, André Silva. **São Geraldo: (A)Terrado de Sentidos**. / André Silva Barbosa – Pouso Alegre: UNIVAS, 2015. 117p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação da Universidade do Vale do Sapucaí, Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, 2011.

CARVALHO, Edgard de Assis. **Cultura e Complexidade: um trajeto antropológico**. In: PIMENTA, C.A.M.; MELLO, A.S. (Orgs). Encruzilhadas da Cultura: Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade. Taubaté: Cabral Editora, 2013, v. 1, p. 49-69.

DEBORD, Guy. **Teoria da Deriva**. Revista Internacional Situacionista nº2, 1958. Segunda tradução (espanhol-português) por membros do Gunh Anopetil, em 19 de março de 2006. Disponível em: < https://pt.protopia.at/wiki/Teoria_da_Deriva>. Acesso em: 03/12/2017.

FARIA, Rivaldo Mauro de. **Território urbano e o processo saúde-doença: perfil territorial da saúde no São Geraldo em Pouso Alegre - MG** / Rivaldo Mauro de Faria. -- Campinas, SP: [s.n.], 2008. Orientador: Arlêude Bortolozzi. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências.

GOUVÊA, Otávio Miranda. **A história de Pouso Alegre - 2ª edição** - Pouso Alegre: Gráfica Amaral, 2004.

LITTLE, Paul E. **Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade**. Anuário Antropológico/2002-2003 Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004: 251-290.

MIRANDA, Lays Horta de; MORATO, Rúbia Gomes; KAWAKUBO, Fernando Shinji. **Mapeamento da Qualidade de Vida Urbana em Pouso Alegre, Sul de Minas Gerais**. Revista do Departamento de Geografia –USP, Volume 24 (2012), p. 24-36.

NOVAES, Sylvia Caiuby. **Imagem, Magia E Imaginação: Desafios Ao Texto Antropológico**. MANA 14(2): 455-475, 2008.

QUEIROZ, Amadeu de. **A História de Pouso Alegre e sua Imprensa**. Reedição: maio/1998. Compilação e organização: Newton Meyer Azevedo.

SOUSA, José Venicius de. **Sustentabilidade Ambiental: análise da degradação e perturbação ambiental na mata ciliar do rio Mandu, Município de Pouso Alegre (MG)**. Rio Claro, 2014. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de

Geociências e Ciências Exatas, Programa de Pós-Graduação em Geografia. Área de Organização do Espaço. Orientadora: Prof^ª. Dr.^ª Ana Tereza Cáceres Cortez.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/censo2010/apps/painel/>>. Acesso em: 19/01/2019.